



Boletim da Academia Pernambucana de Medicina

Informativo da Academia Pernambucana de Medicina Ano III. Nº15. Julho-Agosto de 2013

Projeto Capibaribe:

APM e governo do Estado discutem Estação Derby

Questões ligadas a possíveis transtornos da instalação da estação de barcos na Praça Octávio de Freitas, em frente à sede do Memorial da Medicina, foram tratadas em reunião realizada em 25 de setembro, na sede da entidade, na presença dos secretários das Cidades, Danilo Cabral, acompanhado da arquiteta Paula Dias, do secretário da Saúde, Antonio Carlos Figueira, acadêmico da APM e os dirigentes desta Casa presidente Edmundo Ferraz, tesoureiro Gustavo Trindade Henriques e do primeiro secretário Luiz Maurício da Silva.

O secretário Danilo Cabral fez uma ampla exposição do projeto, mostrando detalhes do percurso, localização das estações, benefícios que trará à população e algumas modificações no anteprojeto que vão diminuir as preocupações das entidades que funcionam na sede do Memorial: APM, Sobrames, Covest, Instituto Pernambucano de História da Medicina, Museu da Medicina, Academia de Artes e Letras de Pernambuco, entre outras.



Como já foi focado neste periódico (edição de janeiro a março de 2013) o anteprojeto inicial contemplava três píeres e seis lojas, o atual prevê dois píeres, duas lojas, diminuição da área ocupada para 21º metros quadrados e requalificação da praça, com a possível colocação de um busto de Octávio de Freitas.

Novidades – Durante a exibição do atual anteprojeto, surgiram novas ideias. O acadêmico Antonio Carlos Figueira sugeriu, “podemos

batizar a estação com o nome de Faculdade de Medicina do Recife e utilizar o local como alternativa turística com visita pública”. O tesoureiro Gustavo Trindade Henriques e o presidente Edmundo Ferraz vislumbraram perspectivas. “Não temos qualquer subvenção oficial”, disse o primeiro. “Podemos obter renda do estacionamento como suporte financeiro”, previu Edmundo. “O importante é que vamos conseguir minimizar as preocupações da APM”, comentou Danilo Cabral.

Sessão da APM presta homenagem a José Nivaldo

O presidente Edmundo Ferraz abriu a sessão em homenagem póstuma ao acadêmico José Nivaldo, ressaltando a transitoriedade das pessoas no mundo. “A participação de José Nivaldo nesta Casa, nos trazia testemunho permanente de suas raízes na cidade de Surubim, bem como nos repassava seus vastos conhecimentos nas múltiplas atividades da medicina que exercitava no interior”.

Em seguida, o presidente passou a palavra ao acadêmico

Geraldo Pereira, que fez a saudação inicialmente cumprimentando os familiares do homenageado, na pessoa do filho Sérgio Gondin, e, na sequência fez uma análise do romance Doutor Marcolino, uma das obras mais conhecidas de José Nivaldo.

Fizeram uso da palavra os acadêmicos Antonio Aguiar, Gilda Kelner, Salustiano Gomes, Othon Bastos, Edmundo Ferraz e Gentil Porto. Na página 2, Geraldo Pereira revisita a obra de José Nivaldo.

Leia
Também

- Giuseppe Muccini visto por Gentil Porto.
- Inscrições para o concurso literário Salomão Kelner 2013 veja no www.acadpemedicina.com.br.
- As possíveis interlocuções ente a Psicanálise e a Medicina.

Geraldo Pereira faz o inventário intelectual de Zé Nivaldo

As pessoas morrem e descobrimos aos poucos que não a conhecíamos. Pensava que José Nivaldo era como se intitulava; médico do interior que escrevia romances. Não sabia de sua premiada criação de gado, nem que fora compositor de frevos e assim, conquistara a esposa, doutora Neise. Esses fatos estão no excelente texto de seu filho: Sérgio Godim.

Até a última vez em que esteve aqui, foi um acadêmico participante, fazendo intervenções quase sempre irreverentes; mas produtivas e bem elaboradas mentalmente. Também mostrou na Academia de Letras, a força de seus argumentos, diante de um conferencista ou de um dos pares.

Mas, é na obra de Zé Nivaldo que estão contribuições de conteúdo antropológico. No dizer de Nilo Pereira, ele era um autor rurubano, que misturava convívios rurais com os da cidade. Isso fica claro em “Noite sem nome” e em “Terra de Coronel”, onde trata do coronelismo com maestria, porque aborda o poder desse líder urbano com raízes campestre.

No livro, personagens em cenários bem urdidos e construídos, se acomodam com protagonistas próprios de um enredo interiorano, vivido sob a máxima do Coronel Honorato: manda quem pode e obedece quem tem juízo. Um chefe político que se comunicava com a população de Boa Vista através da entrega de boletins. E assim, mandava e desmandava.

E o caso de Manoel Tiro Certo? Inquieto com a vida, matando aqui e ali, por ordem do Coronel. Mandava matar, matava, mandava surrar, surrava. Até que nesse dia decidiu não mais cumprir os manda-



dos. Foi à casa do homem e lhe disse do desejo em matá-lo, se ele não chamasse logo a polícia para prendê-lo. O sargento Isidoro veio e levou o quase serial killer, mas no caminho o coronel mandou que o executassem. E assim foi feito.

O Coronel Honorato depois do homem morto desejou a viúva. Logo quem dispunha das moças e depois as casava com o primeiro incauto, com sentido numa mulher mais velha? Era usada, pensava, mas carnuda. Afastou as tentações e se livrou dos maus pensamentos. E a criatura foi embora, livre dos olhares maldosos e dos fuxicos de inveja das outras mulheres.

Os cenários e personagens são de lugar pequeno, agrestes esturricados. Muitos conhecidos com apelido relativo ao tipo. Inácio Palma de Trovão, Manoel Tiro Certo, Zecão do Olho Cego e Chico Ventinha... Contracenando nas esquinas, bodegas, fiando fofocas, da mulher alheia ao padre ou ao médico novo na cidade, tangido pelo Coronel.

E ele foi urbano, da mesma forma. O exemplo está em “Noite sem Nome”, que o personagem Zesito vem de Floresta para Olinda e o Recife, se inscreve no Colégio Diocesano, o Seminário de Olinda, e em seguida na função de condutor de bonde assiste o cotidiano da cidade nas idas e vindas do subúrbio ao centro. É ele quem censura moças mostrando as axilas ou expondo as pernas e as coxas, os beijos roubados de jovens iniciantes nas artes da sensualidade. Mas, Zesito é poético e ingênuo, quando assiste das balastradas do rio a água engolindo a lua e pensando em casar com uma mulher no Caís do Porto.

Diretora Técnica Médica: Dr^a. M^a. de Lourdes C. de Araújo | Cremepe: 3367 ANS - nº 34.488-5

Novo Portal
Unimed Recife
www.unimedrecife.com.br



Pronta para lhe atender.

Giuseppe Muccini visto por Gentil Porto

Giuseppe Muccini nasceu em março de 1913 em Barra do Rio Grande, Bahia. Filho de descendente de imigrantes do Piemonte, norte da Itália. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1931, formou-se em 1937 e optou voltar à região do São Francisco, clinicando em Palmas de Monte Alto, Xique-Xique e Remanso, fixando-se em Juazeiro desde 1943.

Na bagagem, um modesto aparelho de Raio X e equipamentos para análises clínicas. Foi o primeiro a fazer uma cesariana na cidade e a primeira craniotomia da região, num militar que tentara o suicídio.

Dirigiu a Santa Casa de Misericórdia de Juazeiro, fundou um sanatório, participou da criação do Hospital Regional e dirigiu o Hospital D. Malan. Coordenou a instalação do Serviço Médico da CHESF e do hospital próximo à Barragem de Sobradinho. Com as limitações da idade, trocou as cirurgias pela Radiologia e Análises Clínicas.

Aos setenta anos dedicou-se à acupuntura, recebendo o título de “especialista”. A par disso manteve atividades acadêmicas, se tornou referência e conselheiro de médicos mais jovens. Dentre as homenagens recebidas, a que mais lhe sensibilizou foi a medalha São Lucas concedida no ano de 1983 pelas entidades médicas de Pernambuco.

No primeiro ano da faculdade, liderou um levante e foi preso por três dias. Mas, essa não seria a única. À época participou da Ação Integralista Brasileira, chefiada por Plínio Salgado “os galinhas verdes”. Desiludido,



passou a ler Karl Max, aderiu ao comunismo. Conheceu Carlos Marighella e Gregório Bezerra. O engajamento lhe custou várias prisões.

Foi um dos fundadores da Comissão de Desenvolvimento do São Francisco. Empenhou-se pela pavimentação da rodovia Feira de Santana – Salvador e defendeu a interligação do Tocantins ao São Francisco, há mais de quarenta anos.

Seresteiro, também entoava óperas. Vestia-se de branco com um anelão de esmeralda no dedo anular direito. Ele e a mulher, Isaura, não tiveram filhos, porém adotaram os amigos e a casa vivia sempre cheia. Não satisfeito, criava animais, dentre eles três leões.

Brito Alves aborda Literatura e Crime



“A criminalidade no mundo começou quando Caim matou Abel”, disse o conferencista, e prosseguiu. “Mas somente a partir do século 19, o crime obteve análise científica”. Dentre exemplos lembrou Cesare Lombroso, que admitia a ideia do criminoso nato, identificado por sinais anatômicos, “polêmica, já superada, qualquer pessoa está passiva de cometer crimes”, comentou.

Recorrendo à Mitologia, Brito Alves cita as tragédias gregas, “que tiveram intuição da perversidade humana”.

Em seguida, abordou Dante Alighieri (Divina Comédia), em especial o canto O inferno, destacando crimes, pecados e vícios humanos. Sobre William Shakespeare, outro ícone da dramaturgia, detalhou o lado criminoso dos personagens. Brito Alves destacou ainda personagens da tragédia francesa, em Jean Baptiste Racine poeta trágico e o dramaturgo de tragédias Pierre Corneille, além de perversões e os crimes sexuais do escritor libertino Donatien François de Sade, o Marquês de Sade. Quanto a Émile Zola, fez referência ao romance Besta Humana.

“A prisão é o túmulo da vida”, lembrou essa afirmativa de Fiodor Dostoiévski em Recordação da casa dos mortos, e comentou a presença do complexo de culpa em Crime e castigo. Ilustrou a existência do crime no cinema, teatro, escultura, pintura e na música, entre outras. “No romance policial moderno, citou Agatha Christie, Conan Doyle”. Quanto à literatura nacional, lembrou obras de José Lins do Rego, Jorge Amado e José Américo de Almeida, que se detiveram na criminalidade das áreas rurais e nas zonas urbanas.

A Psicanálise e a Medicina possíveis interlocuções

É o título da conferência da acadêmica Gilda Kelner proferida na sessão de 25 de setembro. De início ela observou que a incompatibilidade entre a Medicina e a Psicanálise, “talvez se deva às origens, ao mito de origem da Psicanálise, ou como as impossibilidades de convívio com as diferenças, aos excessos interpretativos entre as partes”.

A relação entre elas vem do século XIX, quando Freud explicou a histeria por outro viés que não o ‘corpo anatômico’, e sim ‘corpo representado’. Os médicos, porém, não viam lesões cerebrais que justificassem a expressão sintomática da histeria. Qualificavam as histéricas de loucas e ou simuladoras, rejeitando-as (geralmente mulheres). Motivado com os êxitos do colega Breuer, Freud opta pelo uso da hipnose no tratamento delas, com algum sucesso.

Depois, ante a reincidência das manifestações clínicas, deixou o método catártico e, por sugestão de uma paciente, deixou que ela falasse livremente de seu passado – método da associação livre. A nova tentativa avançou e se desdobrou em um interesse maior pelo papel das resistências, da transferência, da simbólica da linguagem, aperfeiçoando o método psicanalítico.

A crítica da Psicanálise à Medicina, em especial à neurociência, se prende à defesa de uma visão generalista das doenças, exclusivamente científica, na qual o sujeito fica reduzido à condição biológica, importantíssima, é óbvio, mas não se pode neutralizar suas dimensões afetivas, históricas, ontológicas.

Os neurocientistas contestam o que a Psicanálise chama ‘corpo representado’, pretendendo que os sentimentos sejam explicados anátomo-fisiologicamente. “Pode ser, mas não excluem o que o indivíduo viveu em todos os momentos e ficaram no registro do inconsciente. Eles até hoje não acreditam no inconsciente descrito por Freud”.



A Medicina baseada em evidências é tanto útil quanto, às vezes, nociva. Cada paciente é único e sua relação com o médico é singular. “O médico do novo modelo, técnico, pragmático, frio, em sua maioria, mantém algo do chamado estilo romântico, pensa que restaura a plenitude perdida, a cura absoluta, por via do aparato exclusivo da ciência biológica”.

As relações entre a Psicanálise e a Medicina são extremamente complexas. Os psicanalistas, principalmente os não médicos, ressaltam, acima de qualquer interesse em interlocução, os muitos problemas atuais do exercício da Medicina. E os médicos, quase sempre inocentes quanto à teoria psicanalítica, apontam também os exageros da Psicanálise.

A Medicina baseada em evidências parte do princípio de que devemos nos guiar por evidências que se referem a populações. O indivíduo, o singular, é anulado. Esse modelo não pode prescindir da Medicina baseada na narrativa, visando resguardar a relação médico-paciente.

A corrida para o aperfeiçoamento tecnológico agravou a relação do homem com o tempo. O médico aperfeiçoa-se para um diagnóstico e tratamento rápidos e eficazes. “E pode consultar as últimas pesquisas sobre estes diagnósticos e tratamentos rapidamente, onde quer que esteja”.

Para o psicanalista eficiente, no entanto, não deve haver pressa, há de respeitar o tempo do paciente, para que possa trazer o inconsciente à tona, na medida do possível, desvendar seus mistérios, sem perspectiva de ser um herói em tempo recorde. O médico eficiente precisa ser ultrarrápido, sobretudo para cuidar das emergências.

Os grupos Balint ajudam o médico a compreender o paciente e a si próprio, assim como a relação entre ambos. Esses grupos parecem a melhor forma de interação entre a Medicina e a Psicanálise.

Expediente

Boletim da Academia Pernambucana de Medicina. Publicação trimestral com tiragem de 500 exemplares. Memorial da Medicina de Pernambuco, Rua Amaury de Medeiros, nº 206, Derby – Recife. Telefone: 3231.6801. www.acadpemedicina.com.br | Presidente: Edmundo Ferraz. Vice-presidente: Gentil Porto. Secretário geral: Luiz Gonzaga Barreto, 1º Secretário: Luiz Maurício da Silva, Tesoureiro: Gustavo Trindade Henriques, Presidente do Conselho Fiscal: Cláudio Renato Pina Moreira. | Produção: P&B Design e Texto. Diagramação: Bel Caldas. Pauta e Fotos: Paulo Caldas. Coordenação editorial: Edições Bagaço LTDA. Rua Luiz Guimarães, 263. Poço da Panela – Recife. Telefone: 3205.0132.